Revista Illustrada de Portugal e do Extrangeiro

| Preços da assignatura | Anno — 36 n.os | Semest. — 18 n.os | Trim. — 9 n.os | N.º á entrega |
|---|---|---|---|---|
| Portugal (franco de porte, m. forte) | 3$800 | 1$900 | $950 | $120 |
| Possessões ultramarinas (idem)... | 4$000 | 2$000 | —$— | —$— |
| Extrang. (união geral dos correios) | 5$000 | 2$500 | —$— | —$— |

15.º Anno — XV Volume — N.º 494

11 DE SETEMBRO DE 1892

**Redacção — Atelier de Gravura — Administração**

*Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4*

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do Occidente, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

## CHRONICA OCCIDENTAL

Como na minha precedente chronica disse, os ultimos ensaios d'uma peça que tinha para subir á scena no theatro da Rua dos Condes coincidindo com as primeiras representações do illustre actor Vico, não me deixaram seguir os trabalhos do famoso artista hespanhol, no theatro do Gymnasio, com a attenção e a assiduidade a que elles tem incontestavel direito.

A peça que era o *Solar dos Barrigas* subiu á scena e felizmente com um exito que excedeu toda a nossa espectativa, o motivo que nos affastava das representações de Vico cessou e pudemos finalmente vel-o n'um dos seus mais brilhantes trabalhos n'aquelle que maior *successo* alcançou em Lisboa a *Mala Raza* de Echegarray.

O grande exito alcançado por esta peça em Lisboa não pertence só a Vico, pertence tambem aos artistas que o acompanham e que dão ao drama um *ensemble* muito distincto, pertence especialmente á peça, que é uma bella peça, sem aquelles tons sombrios, lugubres, melodramaticos que de ordinario pesam sobre as peças de Echegarray, e que as tornam fatigantes e antigas para nós, habituados ao reportorio de Dumas, de Augier, de Sardou.

*De Mala Raza* é um drama intimo, perfeitamente moderno, vasado nas formulas do theatro francez contemporaneo, muito bem pensado, muito bem urdido, muito bem dialogado, um drama cheio de interesse embora não cheio de novidade, um drama que empolga o espectador, logo nas primeiras scenas, que se enreda muito naturalmente, em situações altamente dramaticas mas logicas, mas verosimeis, e que se desenlaça muito naturalmente tambem, a contento do espectador, sempre interessado, muitas vezes commovido, mas nunca subjugado pelo terror, a nota dominante do theatro do famoso dramaturgo hespanhol.

E o *successo* da *Mala Raza* foi principalmente esta novidade que o publico do Gymnasio encontrou no meio do reportorio sombrio do grande actor Vico, este drama intimo, sentido, commovente, bem feito, moderno, no meio d'uma serie de peças estapafurdias, como a *Morte civil*, cheias de declamações e de peripecias melodramaticas que o massam, que o fatigam sem o interessar, sem o commover, o grande exito da *Mala Raza* foi a modernidade e a naturalidade da peça, e a naturalidade e a modernidade do seu desempenho tão correcto, tão distincto, tão humano, tão differente do que a maior parte do publico de Lisboa imaginava ser a declamação hespanhola, declamação de que as companhias mediocres que por ahi tem vindo ás vezes cantar os melodramas castelhanos lhe tinha dado tão má e tão falsa idéa.

O assumpto do drama de Echegarray não é novo: tem sido muito tratado no theatro e no romance, e tambem novas não são as situações que d'esse assumpto nascem logicamente naturalmente.

Uma rapariga Avelina, filha d'uma mulher que deu que fallar de si, d'uma mulher de *Mala Raza* acarreta naturalmente senão com o odioso, pelo menos com a suspeição que o procedimento da mãe faz recair sobre a filha essa suspeição que a sabedoria das nações esmiuçou em varios proverbios «quem sae aos seus não degenera» «filho de peixe sabe nadar» etc.

Um rapaz honesto ama-a e casa com ella, mas a intriga, a má lingua, que já tinha querido evitar esse casamento e que conseguira apenas o contrario, porque o pae d'esse rapaz, que no primeiro momento lhe prohibira esse casamento, indignado por essa conspiração dos intrigantes corrente n'elle e apressa o, o que dá a explendida scena com que fecha o primeiro acto — aproveita se d'um escandalo que rebenta n'uma praia durante a ausencia do marido de Avelina e faz recahir sobre ella a responsabilidade d'esse escandalo.

O marido chega e quando vae a abraçar sua mulher encontra de permeio seu pae a dizer-lhe que aquella mulher é indigna d'elle, que o deshonrou, que tem um amante.

O MARECHAL MANUEL DEODORO DA FONSECA

Primeiro presidente da Republica dos Estados Unidos do Brazil.
Fallecido em 23 de agosto de 1892.

Louco de dôr, de ciume, de indignação o marido interroga sua esposa.

Esta não sabe do que se trata, mas a scena, que é muito bem feita, muito bem encaminhada, é interrompida pela madrasta do marido, pela segunda mulher de seu pae, que confessa que Avelina está innocente e que a culpada é ella.

O illudido, o atraiçoado não é elle é seu pae.

A situação é de primeira ordem e de primeira ordem a que se lhe segue e a que fecha o acto, aquella em que o pae vem encontrar seu filho ajoelhado aos pés de Avelina, pedindo-lhe perdão de ter duvidado d'ella.

No terceiro acto a situação continua, prolongase, dando scenas de bello effeito.

O pae do marido de Avelina não comprehendendo o procedimento de seu filho para com a esposa infiel, procura abrir-lhe os olhos, arrancal-o á sua cegueira criminosa, e como era logico ao querer abrir os olhos a seu filho, os seus é que se abrem á evidencia, e reconhecendo que sua mulher era a culpada, que sua nora está innocente e se tem sacrificado a passar por criminosa para o poupar á deshonra, ajoelha a seus pés pedindo-lhe perdão, como no fim do segundo acto seu filho fizera.

Como vêem d'este rapido ennunciado da acção principal da peça, *De Mala Raza* é um drama cheio de interesse e de commoção e está feito com a arte primorosa, com a sciencia de theatro que tem feito de Echegaray o primeiro dramaturgo da Hespanha contemporanea, e como comprehendem de certo pelo assumpto da peça, as responsabilidades do desempenho estão muito divididas e não pesam sómente sobre um personagem, pesam principalmente sobre quatro — o pae e o filho, a mulher innocente e a mulher culpada.

Todos estes quatro papeis são representados excellentemente, distinguindo se como não podia deixar de ser, pela sua alta cathegoria artistica, o acto Vico que faz o papel de filho, papel para que está já um pouco pesado, pela sua idade e pelo seu physico, mas a que dá um relevo enorme, pelo seu brilhante talento de comediante.

O papel de Amelia é difficil e muito bem feito pela sr.ª Contreras que é uma actriz muito distincta tambem: e os outros dois artistas, não se elevando ás mesmas alturas são comtudo muito correctos nos seus papeis e dão perfeitamente a contra scena a Vico e a Contreras.

Emquanto a Vico confirmámos n'esta peça a opinião que d'elle tinhamos feito na *morte civil*. É um artista distinctissimo, e a prova é o successo que alcança tendo a luctar com dois contras serios para um actor, a figura e a voz: é um artista de raça que honra muito a arte hespanhola e que tem direito a ser ouvido em toda a parte com consideração e com applauso.

Ao contrario do que acontece com estas companhias que andam em velligiatura, a companhia de Vico é muito egual, muito completa e mostra bem isso no desempenho da *De Mala Raza*, e no desempenho excellente que deu a uma comedia encantadora que fechou o espectaculo *Las quatro esquinas* em que a sr.ª Contreras faz com notavel talento comico um papel de collegial, e em que a actriz que na *Mala Raza* faz o papel de Paquita, e dois actores comicos cujos nomes não sabemos, representam com muita graça, muita naturalidade e muita distincção.

As recitas do actor Vico que ao principio eram pouco concorridas passaram a ser concorridissimas depois da *Mala Raza*, peça que já se tem repetido cinco vezes sempre com as casas cheias.

E ainda bem que assim tem acontecido, porque seria uma vergonha para uma cidade culta que passassem por ella desapercebido um artista illustre como Vico e uma companhia tão distincta e correcta como a que elle traz.

*
* *

Dissemos que o *Solar dos Barrigas* a peça nova da Rua dos Condes subira á scena com um exito que excedera toda a nossa espectativa, e não fallariamos d'ella se esse exito recahisse apenas sobre nós, se elle não fosse devido muito especialmente á musica encantadora que para essa opereta escreveu o illustre maestro Cyriaco de Cardoso, e ao desempenho magistral que lhe deram os excellentes artistas que constituem a sociedade da Rua dos Condes.

A musica do *Solar dos Barrigas* é toda ella deliciosa e nunca o glorioso maestro do *Burro do sr. Alcaide* foi mais feliz e mais inspirado.

Não é facil fazer preferencias entre os trechos, e o publico assim o entende applaudindo todos ruidosamente e bisando n'uma noite uns, n'outra noite outros. A canção de Mesuras, os originalissimos *couplets* da entrada de Manuela no 1.º acto, o *duo* d'amor e côro das velhas de capote e lenço, os *couplets* e côro dos fuguetes, a recepção do Senhor do Solar, a valsa e córos do toucador, a grande scena do *quinteto*, *duetto* e córos, no segundo acto, a recepção das auctoridades, o final d'esse acto, as canções populares do Papa leguas, que abrem, o terceiro acto, o *duetto* dos *pp*, o *duetto* italiano cantado por Valle e Barbara, a leitura da carta, são tudo trechos primorosos, que collocam Cyriaco de Cardoso não só á frente dos nossos primeiros mae-tros como tambem em logar de honra entre os mais gloriosos compositores estrangeiros de opera comica.

No desempenho em que se distinguem pela sua exhuberante veia comica Valle, Barbara, Cardoso, Gomes e Lima, em que Elvira Mendes, e Candida Palacio são magnificas, em que Adelia Soller, Antonio Salvador, Santos, Alves, Conde, Delphina, Palmira e Maria Pinto se fazem todas as noites applaudir pela correcção com que executam os seus papeis, houve a revelação extraordinaria do mais brilhante talento artistico que n'estes ultimos annos tem apparecido em palcos portuguezes, Angela Pinto no difficil papel de Manuela.

Angela Pinto é simplesmente assombrosa de talento, de expontaneidade n'esse papel, e tem todas as noites enthusiasticas e merecidas ovações.

Deem lhes uns annos de tirocinio, aperfeiçoe ella o seu talento com uns annos de serios estudos da arte, e Angela Pinto occupará incontestavel e incontestadamente um dos primeiros logares na scena portugueza.

Com o poema do *Solar dos Barrigas* deu-se um facto muito vulgar lá fóra, mas rarissimo entre nós, o apparecimento de personagens na vida real com os mesmos nomes e os mesmos titulos dos personagens da peça.

Por exemplo existe realmente um solar dos Barrigas e um senhor de Barrigas, representante da familia illustre do celebre Lopo Barriga, e dono do solar. O solar dos Barrigas é em Loures, e o representante da familia Barrigas, é um cavalheiro distinctissimo, o sr. Thomaz Barriga, Visconde de Tinalhas Existe um militar dos mais distinctos do nosso exercito que tem o nome de Trajano Pires, e existem os fidalgos d'Arronches, que são os meus presados amigos D. Caetano, D. José de Bragança, uma das familias mais nobres e antigas de Portugal á qual pertencem os titulos de Duque de Lafões e de marquez d'Arronches.

É escusado dizer que ignoravamos absolutamente estas coincidencias e que quando d'ellas soubemos era já muito tarde para fazer alterações na peça que devia subir á scena no dia seguinte.

A' amabilidade e gentileza do sr. Visconde de Tinalhas devemos o não ter que alterar o titulo da nossa peça, e tanto a este cavalheiro como aos outros com quem se deu a singular coincidencia approveitamos esta occasião de assegurar mais uma vez que não houve nem podia haver da nossa parte a mais ligeira intensão de procurar essa coincidencia e que não ha nem podia haver na nossa peça a menor allusão nem a elles nem ás suas illustres familias, por quem temos a mais profunda consideração e respeito.

*
* *

No momento de fecharmos esta chronica chega-nos uma noticia triste, mas que não nos surprehendeu porque infelizmente era esperada: — a noticia da morte do actor Antonio José Ribeiro, o Ribeirinho do theatro da Trindade.

O Ribeirinho era muito novo ainda, tinha apenas 31 annos e não contava por emquanto na sua carreira artistica grandes triumphos, mas ia progredindo gradualmente, tinha vontade, tinha feitio tinha uma excellente voz de tenor, e já na epoca passada dera que fallar de si n'um papel difficil de que se houve muito distinctamente, o papel de pintor na *Miss Helyett*.

Ribeirinho apparecera ha annos a cantar a *Granvia* no Chalet da Alegria, quasi pelo mesmo tempo em que o Lamas se evidenciou tambem nos theatros populares.

Francisco Palha escripturou-o logo para a Trindade, e um dos seus primeiros papeis, senão o primeiro pelo menos aquelle em que primeiro deu nas vistas do publico, foi o Visconde de Champlatreux da *Nitouche*, que no theatro dos Recreios fôra criado pelo actor Valle, que depois passou para o Principe Real.

O Ribeirinho fez muito bem esse papel, fez muito bem o *Ditoso Fado* com a Josepha, em que cantava excellentemente o fado acompanhando se elle proprio na guitarra, representou sempre com acerto, com correcção, pequenos papeis em quasi todas as peças que depois da sua entrada se deram na Trindade e por ultimo creou com muita distincção e com muito applauso o papel de pintor na *Miss Helyett*, o seu primeiro grande papel, que infelizmente havia de ser primeiro e ultimo.

Já enfermo da larynge, a *Miss Helyett* foi interrompida muitas vezes pela sua enfermidade.

Depois creou, já muito doente, o papel de Visconde dos Triolés no *Tio Celestino*, mas logo na terceira ou quatra recita foi substituido pelo actor Setta, porque o seu mau estado de saude se aggravára.

Retirou-se do theatro para não mais voltar. A sua doença era conhecida de todos, menos d'elle, felizmente; — a tysica galopante e foi essa tysica que na sexta feira o arrancou á vida a que elle estava tão apegado, em que tinha tantas esperanças.

Era um bom rapaz, um bom companheiro, e se a morte lhe tivesse dado tempo viria a ser um bom artista, para o que caminhava a grandes passos.

A morte porém, caminhou mais depressa ainda, e levou-o para a cova antes da arte o levar para a gloria.

Pobre Ribeirinho!

Paz á sua alma!

*Gervasio Lobato.*

## AS NOSSAS GRAVURAS

### O MARECHAL DEODORO DA FONSECA

Ex-presidente da Republica dos Estados Unidos do Brazil

Um telegramma do Rio de Janeiro de 23 do mez passado, trouxe a noticia da morte do marechal Deodoro da Fonseca ex-presidente da Republica dos Estados Unidos do Brazil. Já de ha muito que era esperada esta noticia, porque, infelizmente já de ha muito que o estado de saude do primeiro presidente da republica brazileira era grave e não deixava alimentar esperanças de se restabelecer.

*Gilliatt* escreveu no *Correio da Manhã* a proposito da morte de Deodoro o seguinte:

«Depois de Benjamim Constant, o marechal Deodoro da Fonseca. Está deveras alluido o edificio da republica. A morte, Sansão eterno, derribou-lhe as duas columnas mais poderosas.

Os defensores ferrenhos da nova constituição do Brazil fundavam a proclamação da republica na espada gloriosa de Deodoro e na sciencia mathematico social do professor Benjamim Constant, O que este preparára fôra realisado por aquelle. Deodoro da Fonseca era o braço, Benjamin Constant fôra a cabeça. Teve a implantação republicana collaboradores valorosos, mas o nome de Saldanha Marinho fôra muito tempo esquecido apesar de lhe chamarem o patriarcha, e se Quintino Bocayuva á ultima hora e no momento arriscado não trocasse a penna de propagandista pela espada de soldado é possivel que ao lado de outros fosse rejeitado o seu nome para a primeira lista ministerial.

A republica fundada, inoffensiva do outro lado do Atlantico a sombra do imperador, morta no quarto burguez de um hotel a que fôra imperatriz, dispersa a antiga familia reinante, Deodoro da Fonseca erguido á culminancia politica, aureolado o seu nome de todos os prestigios, livre o caminho de todos es embaraços, nada lhe tolhia a liberdade de individual de consolidar a republica pela fórma que mais se harmonisasse com a sua vontade soberana.

Conseguiu o?

*
* *

E' a interrogação a que tem de responder com severidade a Historia.

No dominio pleno da sua responsabilidade, impediu com o seu veto muitas das medidas decretadas pelo Congresso Nacional, e não é occasião para averiguar se com esse veto impeditivo lucraram mais os interesses da patria ou os d'aquelles a que se estendia a protecção presidencial.

O que é certo, o que é incontestado, é que foi sob o seu governo que a Aventura, o Azar, a roleta do Acaso, correram n'um gyro doido, levando na sua vertigem consciencias e fortunas, enriquecendo os que nada tinham, reduzindo á miseria os que pelo trabalho muito haviam amontoado, approximando o Brazil, prospero até ahi, da Re-

publica Argentina, acabada de fallir pelos excessos de jogo desenfreado.
Com o imperio nunca fôra compativel dentro da instituição politica, esta instituição de roleta publica.
Foram bons, foram maus os resultados?
E' outra pergunta, a que ha de com severidade responder a Historia.

* * *

A febre alastrou pela nação inteira e todos os acontecimentos que d'aqui temos presenciado são ao mesmo tempo os seus symptomas e os seus derivativos. A' ambição da ganancia respondiam milhares de ambições. A' banca de jogo a que abancavam os banqueiros outros se sentaram e jogaram. Os menos endinheirados pediam para fazer *uma vaca* ao parceiro immediato, e é claro que se ganhavam, não faziam a divisão e aferrolhavam os lucros. O jogo attrahia, o *bolo* convidava, e eram considerados mais habeis e mais felizes os que levavam a banca á gloria. Dentro em pouco, inutil é dizel-o, multiplicada cem vezes a mesa collossal, raros eram os que não tinham lá um logar marcado, e jornalistas, senadores, commerciantes, proprietarios, pés frescos, banqueiros e maltrapilhos, disputavam o bolo na mesma parceria, e quando uns *comiam* mais do que os outros, era nas duas casas do parlamento, era nas assembleias das companhias e dos bancos, que lavavam descaradamente a roupa suja!
Ao mesmo tempo cá fóra com a descida do cambio descia o credito, e do alto, cercado de todos os prestigios, acclamado por todos os grupos, defendido por todas as bayonetas, no meio das reverencias de todos, o generalissimo Deodoro da Fonseca, presidindo á instituição triumphante, punha a sua nota marcial, a sua espada famosa ao serviço d'este regimen glorioso e redemptor!...

* * *

Felizmente para elle subreviveu pouco ao attentado... ainda assim o bastante para vêr no carcere ou desterrados pelos republicanos alguns dos que com elle fundaram a Republica, o bastante para reconhecer a inconstancia das coisas humanas, o perigo das aventuras caprichosas e o doloroso nada das vaidades realisadas.»

* * *

Manoel Deodoro da Fonseca nasceu a 5 de agosto de 1827, na, então, provincia de Alagoas e era filho do tenente coronel Manoel Mendes da Fonseca e de D. Rosa Maria Mendes da Fonseca.
Sentou praça de voluntario no 4.º batalhão de artilheria desmontada, em fevereiro de 1845 e foi feito cadete em 18 de abril do mesmo anno.
A sua carreira militar foi das mais briosas, assignalada por actos de valor que lhe conquistaram postos no exercito brasileiro.
Quatro annos depois do seu alistamento, em dezembro de 1849 assistiu ao combate na barra de Natenba, sendo já 2.º tenente desde março d'aquelle anno. Em 26 de abril de 1852 foi promovido a 1.º tenente, a capitão em 2 de dezembro de 1856 sendo nomeado ajudante de ordens do commandante das armas de Matto Grosso. Esta commissão valeu-lhe o ser elogiado em 1862, quando se exonerou d'ella.
Em 1864 fez parte da fragata que foi ao Rio da Prata em dezembro, passando em 27 de janeiro de 1865 á 2.ª brigada em operações, fazendo o sitio da praça de Montevideu até á capitulação.
É importante o papel que desempenhou na guerra do Paraguay.
Fez parte da 1.ª divisão que marchou contra o dictador Lopes. Foi nomeado major em commissão para commandar o 2.º corpo de voluntarios e assim tomou parte no combate de 16 de abril de 1866 effectuando o desembarque do exercito no Paraguay.
Na vanguarda, composta de contingentes de differentes corpos, obrigou o inimigo a retirar no desfiladeiro do Banhado, e o valor com que se portou mereceu ser elogiado pelo general em chefe, na ordem do dia.
Tomou parte nos combates de Estero Bellaco e Puyuty, em maio de 1866, e em julho d'esse anno foi promovido a major por distincção em campanha, para o 1.º batalhão de artilheria desmontada. A 22 de outubro d'aquelle anno tomou parte na acção de Patreiro Ovelha e em 2 de novembro na de Tugy. E assim foi fazendo toda a campanha do Paraguay distinguindo-se em cada combate, sendo uma unica vez ferido levemente na barriga por uma bala de espingarda, na acção de Itororó, em dezembro de 1868.
Já coronel tomou o commando da 4.ª brigada de infanteria, sendo pouco depois transferido para a 8.ª brigada da mesma arma.
Foi nomeado commandante do districto de Curapity, depois de ter ficado triumphante no combate e assalto de Pirebebuy e Nbangussú.
Em 1873 foi promovido a brigadeiro e nomeado commandante das fronteiras de Quarahion e Livramento. No mez seguinte recebeu a nomeação para inspector de cavallaria das provincias da Bahia e de Pernambuco e do deposito de instrucção de caçadores a cavallo e presidio de Fernando de Noronha.
Em março de 1883 foi nomeado commandante militar do Rio Grande do Sul, e em 30 de agosto de 1884 promovido a marechal de campo.
Voltou de novo a ser cammandante militar do Rio Grande do Sul, em dezembro de 1880, e em 1888 nomeado commante das forças de mar e terra e das armas da provincia de Matto Grosso, cargo de que foi exonerado em 28 de junho de 1889, quando o governo imperial já presentia a conspiração que se preparava para a queda do imperio.
O grito de 15 de novembro de 1889 que proclamou a republica, pôz em evidencia em todo o mundo a personalidade do marechal Deodoro como o chefe da revolta militar, que o collocou na presidencia do novo governo, logar que as eleições de setembro do anno seguinte confirmaram para pouco mais de um anno depois, elle se vêr obrigado a abandonar, em presença do pronunciamento militar que elevou á presidencia o vice-presidente da republica, o general Floriano Peixoto.
Deodoro foi reformado a seu pedido em janeiro d'este anno, alquebrado pela doença e pelos desgostos.
O jornal *O Paiz* do Rio de Janeiro publicou a seguinte informação de um seu reporter que visitou o marechal nos ultimos dias da sua existencia:
«Flanqueado por almofadas de seda, no sofá da sala, em frente de uma mesinha de xarão, o marechal arquejava.
Alguns amigos em tôrdo; velando, pessoas de familia.
A hora em que o visitámos hontem, 11 da manhã, serviram-lhe uma chavena de chocolate: tomou-a a pequenos goles, lentamente, descançando de vez em vez, para sorver um hausto.
A endemacia, que o vai deformando, cedera um pouco; as mãos, entretanto, muito inchadas ainda, a pelle reluzente, gretada, de uma côr de rosa esmaecida, apresentavam um aspecto elefantiaco; as linhas das feições desappareceram — o rosto cheio, inflado, as palpebras abatidas, os olhos amortecidos, rolando nas orbitas.
Tocou os labios com os dedos, como para significar que a palavra desertára: — mudo, traduz os seus pensamentos pela mimica.
Conserva o espirito perfeitamente lucido; reconhece todas as pessoas que o procuram.
O seu medico assistente, dr. Murtinho, suspendeu o regimen dietico; não ha mais esperanças.
Depois de ter tomado o seu chocolate, anciando na afflicção da dispnéa, estendeu os braços; levantaram-no e curvo, a arquejar, foi quasi de rastro, entre dois intimos, á procura de ar, agitando a cabeça afflicta, desesperadamente.»

## THEATRO GARCIA DE REZENDE

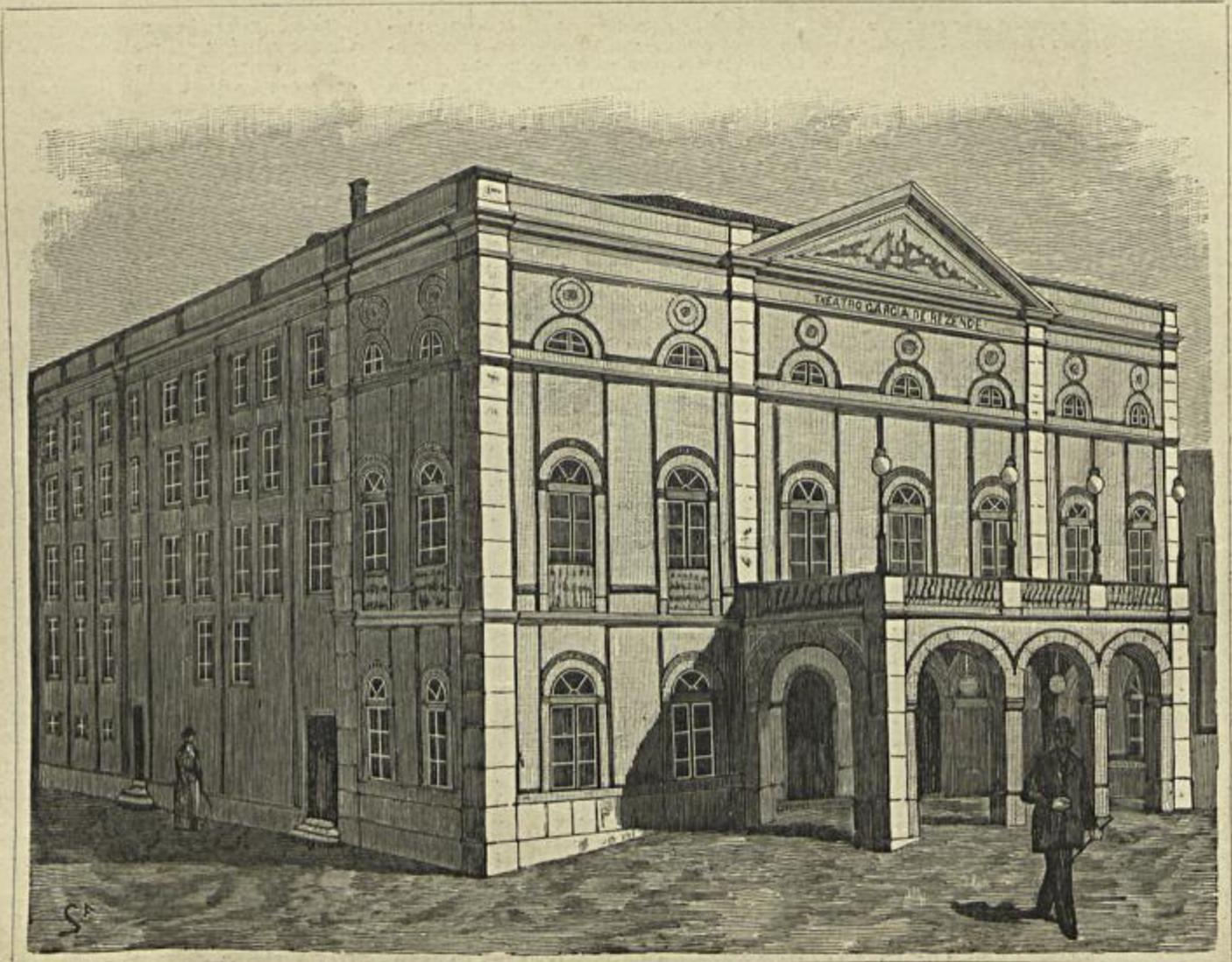
Por 1880 alguns socios do Circulo Eborense lembraram-se de dotar a cidade de Evora com um theatro, e para esse fim organisou-se uma sociedade com o titulo de Companhia Eborense com o capital de 20 000$000 réis realisavel por meio de acções.
Para a direcção d'essa sociedade foram eleitos os srs. Thomaz Fiel Gomes Ramalho, José Maria Ramalho Diniz Perdigão, Domingos Antonio Fiuza, Joaquim Sebastião Limpo Esquivel e Ignacio da Conceição Ferreira.
Subscripto o capital tratou-se de dár começo á obra, principiando por se organisar a commissão technica que devia dirigir os trabalhos a qual ficou composta dos srs. Adriano Augusto da Silva Monteiro, engenheiro das obras publicas do districto, Joaquim Sebastião Limpo Esquivel, Manoel José Carreta, Francisco Ignacio de Calça e Pina e Simão da Fonseca Lemos Monteiro.
O terreno escolhido para a construcção do theatro foi o de umas hortas, adjacente ao lado occidental da Praça de D. Pedro, pertencente ao sr. conde da Costa, terreno que o illustre fidalgo cedeu da melhor vontade pelo fôro annual de 15$000 e que abrange 3:000 metros quadrados, comprando, ainda a sociedade para o mesmo fim, uma casa do sr. Luiz Valente Pereira Rosa que a cedeu por 240$000 réis.
Levaram tres mezes os estudos de gabinete em que cooperaram os srs. Carreta e Esquivel, elaborando o projecto do edificio o engenheiro sr. Adriano Augusto da Silva Monteiro.
A 16 de abril de 1881 deu se principio á construcção, desempenhando as funcções de mestres o alvaneo Antonio Joaquim Trabuco e o carpinteiro Olympio de Mira Coelho.
Pouco depois tomou a direcção da obra o mestre Manoel d'Oliveira e Silva que elevou o edificio até á cobertura geral, executando perfeitamente o projecto.
Proseguiram os trabalhos com rapidez, sendo fornecidas as cantarias pelos srs. Antonio Moreira Rato & Filhos, de Lisboa, e as madeiras pelo sr. J. Lino, tambem de Lisboa.
Entretanto, em fins de 1881, estavam quasi esgotados os recursos da sociedade constructora, e isso fez com que se abrandasse o trabalho, que proseguiu depois mais lentamente até que parou.
Dos subscriptores das acções o que mais e melhor correspondeu foi o opulento lavrador sr. José Maria Ramalho Diniz Perdigão, já fallecido, que só á sua parte concorreu com mais de 18.000$ réis.
Tentou-se reforçar o capital da sociedade com uma segunda emissão de acções do valor de réis 20.000$000, mas não foram tomadas.
N'estas circumstancias, estiveram os trabalhos parados até setembro de 1888, em que recomeçaram, sob a protecção e por iniciativa do sr. dr. Francisco Eduardo de Barahona Fragoso.

* * *

Começa aqui uma nova epoca para o theatro *Garcia de Rezende*, epoca de desenvolvimento nas suas obras até final conclusão, graças á generosa offerta do sr. dr. Barahona, que se promptificou a concluir o edificio concorrendo com a despeza necessaria para esse fim.
Faltava então alem de outras a parte decorativa do edificio, a dotação do scenario, a mobilia e todos os mais pertences para o theatro poder funccionar.
Tudo isto era importante quer sob o ponto de vista economico, porque demandava grandes despezas quer sob o ponto de vista artistico, porque era preciso gosto e saber escolher os artistas que deviam ser encarregados da obra.
De uma e outra coisa se sahiu o sr. dr. Barahona como era de esperar a sua bizarria, illustração e aprimorado gosto.
A parte docorativa da sala de espectaculos incluido o panno de bocca, foi confiada aos artistas srs. Antonio Ramalho e João Vaz, sobejamente conhecidos como dois pintores distinctos. O tecto da sala foi pintado por Antonio Ramalho e, como se vê na gravura que publicamos a pag. 205 é alegorico vendo se por entre nuvens as muzas e genios da poesia que cercam a tragedia e a Comedia, desenhando-se no meio do tecto a esphera armiliar de El-rei D. Manoel, em que está escripto o nome de Garcia de Rezende, poeta, chronista de D. João II, auctor do projecto da celebre torre de Belem e natural de Evora, onde falleceu no seu solar de Selbarosos.
No panno de bocca, que representa um jardim e em que se vêem typos de architectura manuelina, ha pintada uma larga escada pela qual desce um pagem. Esse pagem representa Garcia de Rezende com a sua guitarra de que era eximio tangedor.
O scenario de dotação foi pintado pelo scenographo Manini do theatro de S. Carlos de Lisboa.
O theatro *Garcia de Rezende* póde considerar-se dos melhores de Portugal e nenhum se lhe avantaja no gosto das suas decorações, feitas por artistas portuguezes.
E' uma gloria para estes artistas, mas não menos gloria é para o sr. dr. Barahona que com tanta intelligencia e bom gosto presidiu aos trabalhos, sabendo aproveitar o merito d'aquelles artistas.
A grandeza do edificio denota, talvez, um demasiado arrojo para um theatro de uma cidade de provincia, mas a maneira porque esse arrojo se poz em pratica é bastante honrosa para os filhos de Evora, que iniciaram e conduziram a obra.
A sua sala de espectaculos é dos melhores em condições acusticas de vista e fuga. O eixo maior da sua curva é de 14 metros e o menor de 12.m3. Tem 3 ordens de camarotes com a altura de 3 metros em cada ordem e os corredores com 1,m8 de largura. A platéa tem 98 logares de superior e

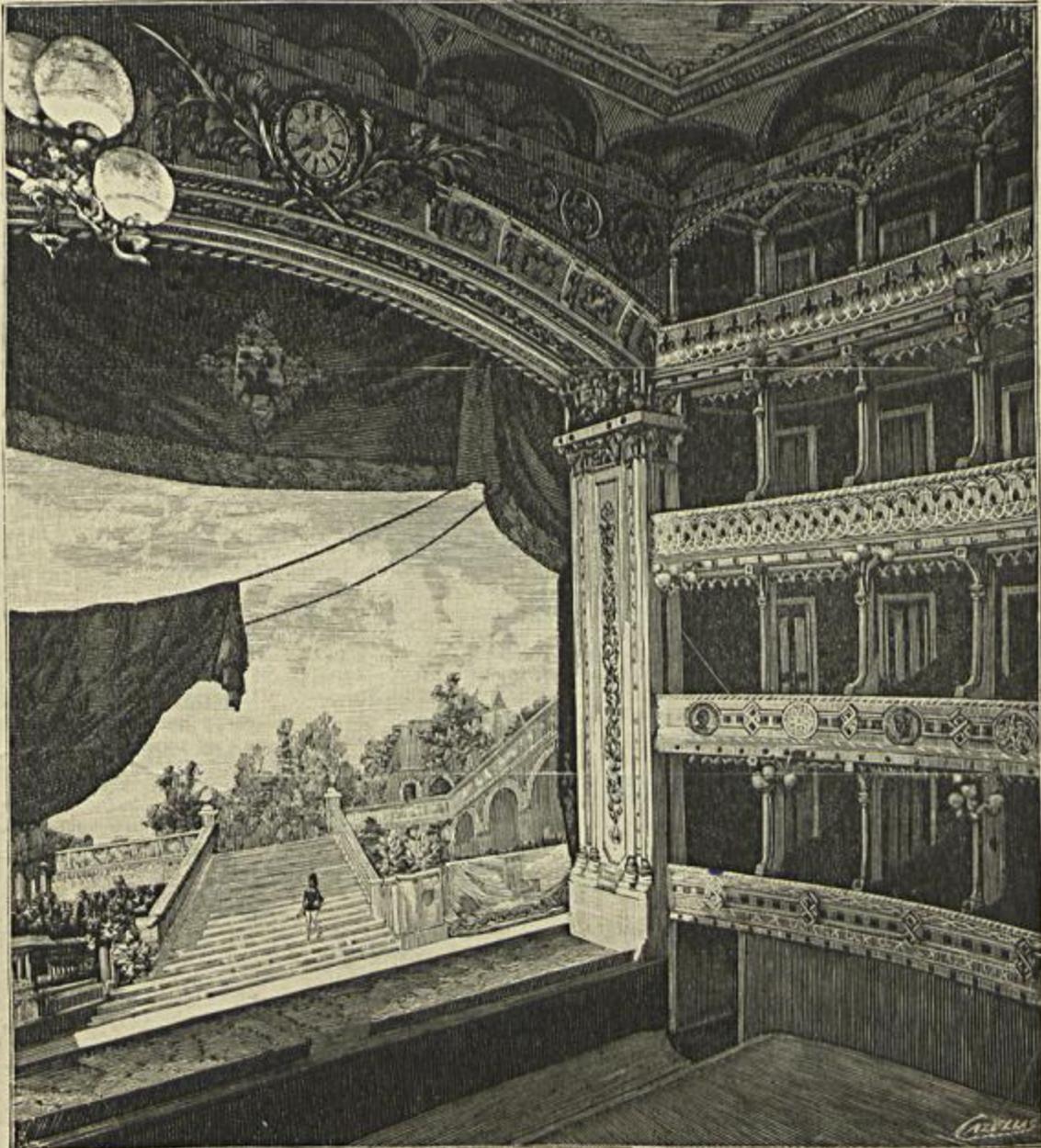
D. IGNACIA ANGELICA FERNANDES RAMALHO DE BARAHONA

DR. FRANCISCO EDUARDO DE BARAHONA FRAGOSO

(Vide artigo «Theatro Gercia de Rezende»)

THEATRO «GARCIA DE REZENDE», EM EVORA

De photographia)

## THEATRO «GARCIA DE REZENDE»

TECTO DA SALA DE ESPECTACULO — Decoração de Antonio Ramalho

SALA DE ESPECTACULO E PROSCENIO — Decorações de A. Ramalho e J. Vaz

(Segundo photographias)

200 de geral. Na 3.ª ordem ao fundo da sala ha uma galeria com logares chamados de varandas.

A architectura externa do edificio não é de grande gosto. Parece se muito com a do theatro de S. Carlos de Lisboa, mas menos propercionada e menos decorativa ainda do que esta.

* * *

E' extremamente honrosa para o sr dr. Barahona a maneira como este cavalheiro procedeu quando tratou de concluir o theatro *Garcia de Rezende.*

Não foi decerto extranha a esse procedimento sua esposa a ex.ma sr.ª D. Ignacia Angelica Fernandes Ramalho de Barahona, viuva que foi do sr. José Maria Ramalho Diniz Perdigão que, como ficou dito, foi o principal influente e o que mais concorreu com a sua bolsa para a construcção do theatro.

Satisfazendo ao seu natural impulso de homem generoso e de gosto, e conhecendo quanto seria agradavel a sua ex.ma esposa o ver concluida aquella obra, o sr. dr. Barahona removeu todas as difficuldades, tomando o encargo da conclusão do theatro e fazendo com que o mesmo fosse depois offerecido ao municipio d'Evora, sem mais indemnisação e com a cedencia da Companhia Eborense que o construira até aquelle ponto.

Foi uma acção generosa acima de todo o elogio, a que a camara de Evora correspendeu com um voto de agradecimento lavrado em a acta da sessão de 11 de abril de 1892, nos seguintes termos.

«A camara municipal d'esta cidade, interpretando o sentimento de subido reconhecimento do povo que representa, para com o ex.mo dr. Francisco Eduardo de Barahona Fragoso e sua ex.ma esposa D. Ignacia Angelica Fernandes Ramalho de Barahona, pelo acto de notavel bizarria e amor civico a esta cidade demonstrado com a conclusão do theatro *Garcia de Rezende*, que no seu genero é um dos primeiros edificios do paiz, resolve consignar na acta d'esta sessão o seu profundo reconhecimento áquelles benemeritos cidadãos pelo donativo feito á cidade de Evora, esperando que se dignarão continuar a auxilial-a em tudo que possa concorrer para o seu engrandecimento moral e material.

Resolve mais esta camara tirar copia d'esta parte da acta, para officialmente a ir entregar nas mãos d'aquelles dignos benemeritos cidadãos.

Evora e Sala das Sessões da Camara Municipal, aos 11 de abril de 1892.—O vice-presidente *Julio Victor Machado.*

* * *

O theatro *Garcia de Rezende* inaugurou os seus espectulos em a noute de 1 de junho d'este anno com a representação da comedia drama *O Intimo* de Eduardo Schwalbach e a comedia *O Sub perfeito*, pela companhia do theatro de D. Maria II, que para esta recita foi especialmente convidada pela municipalidade de Evora, dando alem d'esta recita mais cinco.

A este espectaculo assistiu S. A. o Senhor Infante D. Affonso.

E assim foi consagrado este templo da arte, de que a cidade de Evora se pode gloriar e em que tão grande quinhão d'essa gloria cabe ao sr. dr. Barahona e a sua ex.ma esposa.

## TRIBU AIMARÁ

Amigo *Caetano Alberto.*— Por achar muito interessante um artigo sobre os *indios aimarás*, que vem publicado n'um dos ultimos numeros da interessante *Revista Popular de Conocimientos Utiles*, que se publica na cidade de Santa Cruz de la Sierra, na republica da Bolivia, vou traduzil-o para o seu OCCIDENTE, acompanhando-o de um retrato de indio *aimará* de pura raça que acompanha o dito artigo.

Esta discripção muito se assemelha com a que a respeito dos indios *Postillones* (¹) faço no meu livro *Viagens no Sertão do Amazonas*, a pag. 343, com o que muito folgo por ficar assim confirmada a minha narrativa; sendo bom advertir que não houve *plagiato* da minha parte, porque aquella *Revista* é de fevereiro, e o meu livro sahiu do prelo em Janeiro. Aquelle artigo devido á penna do esclarecido sr. Don G. Velasco, diz o seguinte:

### O INDIO AIMARÁ

«A raça *aimará* fórma uma numerosa tribu de indios meio civilisados, composta de uns 300:000 indigenas de pura raça, que se encontram espalhados na parte N. da anti-planice boliviana, sobre uma area, pouco mais ou menos, de 1:600 leguas quadradas. Esta zona, que tem seu extremo ao S., nas pampas de Oruro sobre as margens do lago Poopó, encontra seus limites ao N., junto ao lago Titicáca, até ás faldas do monte Soráta ou Illampu, e a O. corre a cadeia oriental, ramificação dos Andes, que tem por limite S. o pico do Tunari, e a O a grande cordilheira dos Andes. Esta raça indigena que differe muito da *quechua*, nos habitos, caracter e idioma, condensa-se mais nas escarpadas ladeiras da cadeia oriental, e nas margens do lago Titicáca.

«O indio *aimará* de pura raça destingue-se notavelmente do indio *quechua* pela sua elevada estatura, feições correctas, côr de bronze oxidado, physionomia retrahida por o rigor da temperatura gelada da região onde habita, por suas herculeas fórmas, por apparente submissão de caracter e pelos seus conhecidos instinctos ferozes, como sempre ha demonstrado quando póde maltratar os brancos, e sobre tudo, a seus patrões a quem odeia mortalmente já de tradição. O indio *aimará* não gosa dos privilegios de cidadão boliviano, apesar de ser considerado como civilisado e de ter abraçado a religião catholica até ao fanatismo, e contribuir com a pesada carga de impostos ao estado.

«Não sabe ler nem escrever porque não lhe administram instrucção, e isto é o bastante para se prever que são uns perfeitos burros de carga. A sua missão não é outra do que a de trabalhar sem treguas nem descanço para sustentar o branco, que é o seu senhor. Pobre escravo sem cadeias, nasce e morre como planta exotica propria do solo que habita, sem outro fim que enriquecer ao proprietario das terras onde nasceu: não vive vegeta!

«Elle cultiva os terrenos do patrão sem ter por seu penoso trabalho, mais recompensa que uma pequena porção de terra para suas plantações, que cultiva nas escassas horas que lhe ficam dos serviços do amo, a qual, deve prever se não é de melhor producção, onde planta batatas, *chuño*, quinua, e o *kañagui* (cereal), que lhe dão o principal alimento, de fórma que suas constantes occupações a favor do patrão apenas lhe dão tempo para cultivar seu pequeno *sayaña*, que assim se chama tal concessão de terreno. Suas obrigações são infenitas, e entre ellas a mais pesada é a de *pongueaje* (serviço domestico); pois para cumprir o turno de *pongo*, que dura uma semana, tem o indio que abandonar a familia ainda que, por especiaes circumstancias, de doença por exemplo, esteja impossibilitado de trabalhar; abandona seu rebanho, que geralmente pastorea nas escarpadas e aridas serranias vesinhas, e se põe em marcha sem mais mantimento que um punhado de folhas de côca que costuma mascar *(acullir)*, de mistura com um pedaço de *llucta* (pasta composta de legia feita de cinzas do páu chamado *quinua*, e de greda), com a qual salga a coca para mascar durante toda a viagem, e com mais uma libra de milho tostado, completa o farnel.

«O *pongo* ou *ponguito*, como tratam as familias da cidade da Paz a estes indios, ainda quando elles sejam um Mathusalem, faz o serviço de porteiro, moço de cavalariça, engraxador de botas, aguadeiro, ajudante de cosinha, creado de recados, e até moço de cordel; — é emfim o *faz tudo* da casa que serve, de forma que não é estranho ouvir uma voz que sae da ante-camara dos patrões, ás duas horas ou antes da manhã, gritando-lhe: «*ponguito* traz de lá agua quente», de fórma que o pobre *pongo* tem que ter a chaleira ao fogo toda a noute (e por conseguinte ter cuidado, não dormindo, para que o lume não se apague), e caminhar a correr a satisfazer o pedido, pois de contrario já sabe a sova que o espera.

«O *ponguito* lava tambem a louça, e não é estranho, quando o apressam muito para que fassa prompto o serviço, se não encontra á mão a toalha de limpar pratos, que deite mão do classico barrete de lã que usa sempre, e com elle enchugue a louça; devendo ter-se em conta, que este barrete, que cobre uma cabelleira bem povoada, não se lavou nem antes nem depois de fabricado.

«Concluido o *pongaje*, ou serviço domestico, pelo qual não recebe remuneração alguma, retira de novo para a fazenda a continuar a labutação agricula do patrão.

«A habitação do indio *aimará* que tem por nome *uta*, ¹ abobedada construcção de barro feita por elle, consta, na dos mais remediados, de duas divisões do tamanho de camarotes, servindo uma de despensa e guarda roupa e outra, um pouco maior, de dormitorio, cosinha e sala de jantar. N'esta habitação sem chaminé, impera o fumo constantemente, jámais quando usam para alimento do fogo a bosta das blamas *taquia* e onde é preciso estar sentado no chão para poderem respirar, emquanto fazem suas comidas, uma ás 6 da manhã, outra ás 12, e a ultima ás 7 da noute, e terminada esta, que como as anteriores, se compõe de *chamkra* ¹ de batatas com *charqui* ² de blama morta ordinariamente de velhice, e de um *churro* ³ cosido que substitue o pão; — entabola conversação com a familia sobre os sucessos do dia, e n'esta sua monotona conversa, raras vezes se vê rir.

«O indio *aimará* não se banha nem lava nunca, a não ser que as chuvas, que o surprehendem a miudo nas viagens, tomem essa limpeza a seu cuidado.

«A roupa que usam é toda de pannos fabricados por sua mulher e filhos. A interior é tecida de fio de lã branca, producto de seu rebanho e tecido, cómo dissemos, de sua familia.

«A calça, collete e jaqueta, são de lã preta; assim como o chapeu e *hojotas* (sandalias), são egualmente obra caseira, sendo estas de coiro cru; e, finalmente, cinta, barrete, porta viage, etc, é tudo manufactura domestica.

«Não ha portanto, habitante americano que contribua menos para o fomento das industrias europeas.

«Quando o collete que veste envelhece, tira-o e veste outro novo, que *faz coser pelas costas*, e por conseguinte não o despe até que precise substituil-o por outro. As casas dos botões dos colletes são fingidos pois que os botões, como se vê, só servem de adorno, porque o collete é *cozido atraz*. A bebida favcrita d'estes indios é chamada por elles *marqueta*, preparada com alcool de 40° misturado com agua até reduzir a 18.° Cartier, e póde dizer se que uns vinte por cento da mortandade n'esta tribu, é motivada pela intoxicação que produz esta horripilante bebida.

«O *aimará* contrae matrimonio na egreja catholica, mas rara vez o faz sem antes ter mantido relações amorosas com aquella que hade ser sua esposa, e isto, pelo menos um anno antes — de esperiencia —

«Como andarilhos, não teem rival no mundo.

«Os serviços que presta o indio *aimará*, ainda que obrigado, não obstante ser remunerado são o de *postillones*, mediante o pagamento de um real ⁴ por cada legua que tem de trotar a pé mas sómente na ida toma este caminhar accelerado; e por essa mizeravel quantia caminha sem descanço, oito dez, e até mais leguas espanholas por dia, sempre na frente da mula que conduz o viajante, por mais rapida que ella marche, sem que conste até hoje que algum destes *postillones* se tenha atrazado do animal; e chegado ao termo da viagem, immediatamente regressa sem olhar á hora, distancia ou á inclemencia do tempo, e batendo as mulas na sua frente, e elle atraz, posto que ellas sem carga, volta a trote, mas a pé.

«A frugalidade destes indios é de pasmar, pois que tendo a pequena bolsa provida de *coca*, não pensa n'outras provisões.

«Masca a *coca* durante a marcha a trote rasgado, e só se detem alguns segundos na coruta de algum monte, se nelle encontra algumas de essas *apachetas* que consistem d'um montão de pedras cobrindo a sepultura de algum indio que não resistiu á fadiga de marchas tão violentas; mas antes de chegar á *apacheta*, toma uma pedra para defender-se, em caso de assalto, dos ladrões que costumam estar escondidos detraz d'aquelles montes, pedra que immediatamente atira sobre o monte quando se convence de não haver perigo, e detendo-se ali deita sobre a sepultura o *taco da coca* que leva na bocca em signal de respeito á memoria do defunto; — e segue seu caminho.

«As aspirações destes individuos constam de possuirem um pequeno rebanho e um par de blamas, mas quando a fortuna ingrata não os protege em taes desejos, elles empregam todas as suas economias para fazerem o importante papel de juiz ou festeiro *(mayordomo)* n'alguma festa de egreja, gastando tudo em foguetes, musica, illuminação e missas em celebração d'ella.

«Satisfeita esta aspiração, tem cumprida súa ambição.

«Em geral chegam a alcançar uma edade bastante avançada, gosando de todas as suas faculdades phisicas e mentaes, muitos até aos 90 an-

¹ Arrieiros.

¹ Talvez do hespanhol *huta*, cabana de caçador montez.

¹ Especie de papas de batata.
² Nome genuino da carne cortada em tiras exposta ao ar, e ás vezes ao sol, a fim de conservar-se por muito tempo em perfeito estado.
³ Grão indigena.
⁴ Corresponde a cem reis portuguezes.

nos de edade, restando-lhes só morrer para legarem a seus filhos seu mesquinho rebanho e a mais dura escravidão.»

*Bernardo da Costa e Silva.*

## OITO DIAS NO ALEMTEJO

NOTAS DE VIAGEM

XII

(Continuado do n.º antecedente)

E' magnifica a adega do sr. João Severiano e mais a admirámos ainda quando d'ali a pedaço travamos com ella conhecimento mais intimo á meza do jantar.

Esse jantar foi um verdadeiro banquete e uma verdadeira desillusão.

Desde que tinhamos entrado no Alemtejo que estavamos á espera de encontrar a cosinha alemtejana de que uns nos diziam tanto bem quanto mal nos diziam outros: estavamos á espera de fazer conhecimento com o leitão assado e o leitão nada de apparecer. Chegados a Castello de Vide, alojados em casa d'um dos maiores lavradores alemtejanos, imaginamos que iamos finalmente ter relações pessoaes com a cosinha do Alemtejo, com o famoso, leitão typico mas qual historia! João Severiano deu-nos um jantar soberbo, mas um jantar á franceza, cosinhado primorosamente e apenas no dia seguinte ao almoço encontramos um prato alemtejano que é deveras delicioso, o paio de Castello de Vide, comido cru, ás rodellas como o Salame de Lyon, salame que ao pé d'elle fica a perder de vista. A nossa estada em Castello de Vide foi rapida, dois dias apenas, mas esses dois dias nunca mais se apagarão da nossa memoria, ficarão marcados na nossa vida como dois dias de encanto, muito pelo sitio, muitissimo, immenso pela convivencia com João Severiano, com os seus parentes e amigos, uma convivencia adoravel, pela franqueza, pela jovialidade, pelo bom humor, pela sem cerimonia de todos elles.

Depois do jantar que se prolongou até luzes accesas fomos visitar o asylo dos Cegos, que fica logo á entrada da villa, um estabelecimento pio, fundado pelo legado d'um benemerito, estabelecimento que é um modello no seu genero, unico no nosso paiz, e que tem em João Severiano um protector disvellado, um verdadeiro fanatico.

Entrámos no asylo cerca das 9 horas da noite e esperava-nos á porta a banda dos ceguinhos que durante uma hora esteve tocando no pateo o seu reportorio, que é vasto, bem escolhido, e executado com uma afinação, uma correcção e um *ensemble* quasi inverosimeis n'uma banda de cegos.

Tocaram, tocaram e tornaram a tocar e sempre com mais que boa vontade, com uma grande alegria, pois para elles a musica é a sua unica distracção, e os applausos dos que os ouvem, a sua unica gloria.

E era de ver o enthusiasmo sincero, commovido, com que todos nós os applaudimos, o jubilo ingenuo e franco com que elles recebiam esses applausos, e as lagrimas que marejavam os olhos de João Severiano ao ver assim felizes aquelles ceguinhos a quem elle tanto quer, de quem tão disvelado e carinhoso protector é. Ouvida a musica visitámos todo o asylo, que está dividido em duas secções distinctas e perfeitamente separadas, secção de homens, secção de mulheres, e ficamos deveras surprehendidos com o aceio, a boa ordem com que encontrámos tudo, e fallando com os asylados homens e mulheres, ouvimos da bocca de todos elles um côro de louvores merecidissimos a todos os empregados do asylo, que se dedicam de corpo e alma a fazer a felicidade d'aquelles desgraçados, a quem a fatalidade aggravou a pobreza com a maior das desgraças — a cegueira.

(Continúa) *Gervasio Lobato.*

## 14 HORAS EM CEZIMBRA

Nos dias 4, 5, 6 e 7 do corrente tiveram lugar n'esta villa as festas a Nossa Senhora do Cabo promovidas pelo Gremio Litterario Cezimbrense, festas que todos os annos se fazem e que no presente foram explendorosas.

Como curiosidade vamos relatar aos nossos leitores o que houve de mais interessante, e ás nossas leitoras o que houve de mais novidade.

D'ordinario costuma-se descrever um facto qualquer começando pelo fim, nós principiamos pelo começo:

Conformemente ao annunciado largámos no dia 4 ás oito e meia da manhã, da ponte dos caminhos de ferro do sul, no vapor *D. Augusto* que ostentava um embandeiramento festivo e que pelo rio abaixo galhardamente singrou no meio dos cumprimentos dos innumeros vapores, etc., fundeados.

A's nove e meia da manhã encontrámos o vapor *Rei de Portugal* cujos passageiros nos saudaram enthusiasticamente. O oceano era calmo e manso como uma taça de leite; mais adiante encontrámos uma barca ingleza que nos cumprimentou baixando o seu pavilhão nacional, saudação que retribuimos com uzura.

A's onze e meia dobramos o cabo junto do qual alguns barcos se empregavam na pesca. A' passagem do vapor os pescadores mostraram-nos o peixe que haviam apanhado, e que nos pareceu ser o que elles chamam *peixe da fundura*.

No emtanto montava-mos o cabo de Espichel, na ponta do qual se ostenta em frente do immenso dos mares o pavilhão nacional cujo mastro estava embandeirado em triangulo. N'um dado momento a banda da guarda municipal que ia a bordo, tocou o hymno ao qual o pavilhão se arriou como cumprimento, aqui o enthusiasmo subiu de ponto especialmente entre os passageiros que iam á proa. O pharoleiro além de baixar e içar repetidamente a bandeira tambem nos dizia adeus com o lenço.

Fomo n'os affastando, o mar continuava chão como uma campina vasta, infinda. Ao meio dia e um quarto fundeámos na formosa bahia de Cezimbra.

Immediatamente dezenas de barquinhos, grandes e pequenos, flanquearam o vapor. Em dois maiores vinham a phylarmonica do Gremio n'um e n'outro as bandeiras e insignias liturgicas. A phylarmonica tocou o hymno, e myriades de foguetes foram ao ar. Era realmente bello, ver duplamente as cores flammantes das ornamentações dos barquinhos, e a sua refracção nas chrystallinas aguas da bacia.

Postos em cortejo os barquinhos, dirigimo nos para terra, aonde apoz formado o prestito, tocando a banda fomos para a egreja, onde ouvimos a festividade.

A' noite fomos ao arrayal, que era no campo da Misericordia; ás onze e meia da noite teve lugar a ceremonia da arrematação das bandeiras, durante a qual tocou constantemente a phylarmonica do Gremio. Antes houvera sido tocada a grande peça musical *Batalha d'Inkerman*.

Durante os intervallos as raparigas e rapazes da terra dançaram animadamente no adro da egreja, que é parallelo ao campo, e á falta de musica, ao som dos proprios descantes.

Visitámos durante a tarde o Gremio cujas sallas são magnificas e o salão vastissimo, e no qual ha um theatrinho Nas paredes veem-se os retratos dos fundadores Dr Belles, José Antonio Pereira e Francisco Pinto Leão.

No bilhar jogámos uma partida — que perdemos diga-se — e fomos jantar. Foi um dos meus companheiros do assalto ás lagostas, cherne, etc., de que constou o jantar, que excepto a canja, tudo mais foi peixe, um espirituoso rapaz que além de instruido era mordaz como um Bocage e a quem devo a fineza de me não ter poupado.

Fernando Godinho era o nome do nosso homem.

Mas voltemos á noite d'esse dia. A' meia noite a banda da guarda municipal tocou entre varias, valsas, mazurkas, etc., uns motivos populares que foram bisados.

Para melhor podermos ver as beldades cezimbrenses, estivemos nos bazares e ahi vimos muitas e algumas bem gentis. A's tres da noite recolhemos a bordo, pelas tres e meia levantámos ferro e com uma viagem um pouco menos agradavel que a ida, voltámos a Lisboa pensando nas formosas cezimbrenses.

*Esteves Pereira.*

## OS AUTOGRAPHOS DE CHRISTOVÃO COLOMBO

VII

(Continuado do n.º antecedente)

Eis a carta de Pablo Toscanelli, dirigida a Christovão Colombo sobre o projecto do descobrimento das indias occidentaes, para o qual havia sido consultado pelo grande navegador genovez. D'esta carta existe na Bibliotheca Colombina, em Sevilha, uma copia tirada pela mão de Christovão Colombo.

Não a trascrevemos na integra por ser extensa, mas vamos dar um pequeno extracto d'ella:

Diz Toscanelli que vê com adiração o grandem desejo d'elle, *Christovão Colon*, pretender passar aonde nascem as especiarias, e lhe envia uma carta de marear, similhante a outra que em tempo mandou a Fernando Martins, servo do rei de Portugal. Essa carta é bastante augmentada das noticias das antigas viagens de Marco Polo.

Manda-lhe copia da carta, que então escreveu ao dito Fernando Martins, cujo extracto é o que se segue:

Diz «que é brevissimo o caminho d'aqui ás Indias [1], onde nascem as especiarias, por via do mar que tem por mais curto, e que nós fazemos por Guiné».

E accrescenta nos seguintes termos:

«Como deseja alguma declaração ou demonstração se poderia fazer esse caminho, eu me promptifico a explicar-lh'o com a esphera na mão, fazendo ver como é o mundo.

«Para mais facilidade mostrará o referido caminho em uma carta similhante ás de marear, e assim a envia a S. A. feita e pintada por sua mão. N'ella se vê pintado desde a Islandia até ao Austro, e fim da Guiné, com todas as ilhas que estão situadas n'essa viagem, a qual se acha pintada na direitura do Poente e principio das Indias com as ilhas e logares por onde podem andar [2].

«E quanto vos podeis desviar do polo artico pela linha equinocial, e por quanto espaço, isto é, com 40 leguas, podeis chegar áquelles logares fertilissimos de especiarias e pedras preciosas. E não vos admireis de que chame Poente ao paiz em que nascem as especiarias, que communmente se diz nascem no Levante, porque os que navegarem ao Poente sempre fallarão em Poente nos referidos logares, e os que forem por terra a Levante sempre se acharão em Levante nos mesmos ditos logares».

«Nas linhas direitas que estão ao largo na dita carta se mostra a distancia que ha desde o Poente ao Levante. As obliquas, as que ha desde o Norte ao Meiodia.»

Toscanelli tambem lhe pintava na dita carta muitos logares nas indias aonde se poderia ir, não succedendo alguns casos fortuitos, taes como ventos contrarios ou outro qualquer acontecimento.

Diz elle:

«As ilhas de que fallei estão habitadas por mercadores que traficam com muitas nações e n'ellas se vê mais embarcações estrangeiras do que em qualquer outra parte do mundo.

«O porto *Zaiton* é um dos mais formosos e famosos do Levante; d'alli partem todos os annos mais de cem navios carregados de pimenta sem contar muitos outros carregados de toda a casta de especiarias. É grande região, que tem muitas provincias e muitos reinos sob o dominio de um só principe chamado *Gran Kan*, que se diz *Rei dos Reis*. Ordinariamente tem a sua residencia no *Catay*. Seus predecessores desejam ter communicação com os christãos e ha duzentos annos enviaram elles embaixadores ao Papa pedindo lhe mestres que os instruissem na nossa fé, mas não poderam chegar a Roma e tiveram de retroceder em virtude de embaraços que acharam no caminho *(o mesmo que disse Marco Polo no seu celebrado livro)*. No tempo do Papa Eugenio IV veiu um embaixador que lhe assegurou o affecto que tinham aos catholicos os principaes povos do seu paiz. Contou elle a magnificencia do seu Rei, os grandes rios que sulcam as suas terras, as duzentas cidades com pontes de marmore fabricadas sobre as ribeiras de um só rio... E' um paiz muito bello e nós deviamos tel-o descoberto pelas riquezas que contém e grande quantidade de oiro, prata e pedraria que d'elle se podem tirar. Escolhem para seus governadores os mais sabios sem attenderem á nobreza, nem se importarem com a riqueza.

«Achareis um mappa que designa o espaço que ha de Lisboa á famosa cidade de *Quisay*, tomando o caminho direito ao poente vinte e seis *espacios* cada um de 150 milhas. *Quisay* tem 35 leguas de ambito, e o seu nome quer dizer *Cidade do Ceu*. Veem-se ali dez grandes pontes de marmore sobre grossas columnas e de estranha magnificencia. Está situada na provincia de *Mango*, perto de *Catay*. Da ilha Antilha á de *Cipango* se contém dez espacios que fazem 225 leguas. E' tão abundante em pedraria e oiro que ali se cobrem os templos e os palacios com pranchas d'esse precioso metal.

[1] Note-se que antes do seculo XVI, julgava-se que a terra era maior do que effectivamente é, e que depois com o aperfeiçoamento da sciencia se conheceu que ella não era tão grande como se suppunha, pelas medições da terra nos eclipses da Lua.

[2] É claro que o astronomo Toscanelli como desconhecia a America só se referiu ás costas occidentaes da Asia, que ficam pelo lado do poente, muito além da America.

«Ainda poderia contar muito mais cousas, mas acho judicioso e prudente não as referir aqui.

«Desejo que a minha carta satisfaça a Sua Alteza, a quem rogo digaes que estou prompto a pontual-a e a obedecer-lhe quando me ordene qualquer cousa. — Florença 25 de junho 1474 —»

Esta carta, que foi, como já dissémos, dirigida pelo celebre astronomo italiano a Christovam Colombo, é como o proprio Toscanelli declara, a copia d'uma outra mandada em tempo por elle ao padre Fernando Martins, capellão do Paço no reinado d'el-rei D. João II (1474).

Vê-se que em muitos pontos Toscanelli reproduziu o que se lê nas viagens maravilhosas de Marco Polo, celebre viajante que no fim do seculo XIII percorreu toda a Asia menor, a Persia, a India, a China, o Japão e outros paizes então completamente desconhecidos no nosso mundo.

Marco Polo regressando a Veneza onde contou cousas extraordinarias, maravilhosas, que elle havia visto, veio mais tarde a publicar o seu famoso livro, que tem sido traduzido em todas as linguas.

Paulo Toscanelli n'esta carta, além de reproduzir as maravilhas que leu em Marco Polo, addiciona-lhe algumas cousas da sua lavra, feitas pelo seu engenho mathematico, com a marcação das uteis e provaveis onde se achariam *Quinsay* (a China) governada pelo *Gran Kan; Cathay* (capital do celeste imperio) e perto da provincia de *Mango*, com a ilha de *Cipango* (o Japão) onde o ouro era a rôdo e as pedras preciosas sem conto; tudo a ponto de se fazerem com o ouro telhados nos templos e nos palacios!

Colombo estava tão preoccupado com estas idéas, que caminhando atravéz do oceano, navegando sempre a oeste, julgava ir direito ás costas occidentaes da Asia, mal sabendo elle que ao cabo de tantas luctas e incertezas no meio das ondas, ia topar com um continente completamente desconhecido de Marco Polo, Toscanelli, d'elle proprio, e de todos os cosmographos do velho mundo!...

E, o que é mais singular, é que Colombo procurando n'aquellas paragens os pontos da carta de Toscanelli, julgou encontral-os, ou nutria a esperança de deparar com alguns outros que não encontrava. Ao que elle chamou as *Indias Occidentaes*, era *muito simplesmente* a America que se entrepunha ás costas occidentaes da Asia; a *America*, ou antes, a *Colombia*, como era de justiça terse chamado a esses longiquos continentes, juntos apenas por um estreito isthmo.

Se Colombo na sua perigosa viagem, tivesse ido com gente mais animosa, menos ignorante, e em navios mais solidos e mais commodos, e se elle tivesse continuado a navegar mais um pouco para o oeste, evidentemente teria encontrado o que procurava: a Asia pelo lado do occidente. Elle teria deparado com a sua maravilhosa *Cipango* (o Japão) e a sua *Cathay* (a China setentrional.) Teria talvez descoberto a Australia (o continente australiano e os seus numerosos archipelagos) e regressando pelos mares da India, ainda não navegados por Vasco da Gama, e dobrando do oriente ao occidente o famoso Cabo da Boa Esperança, teria effectuado a primeira viagem á volta do mundo em linha mais direita que vinte oito annos depois o fez Fernão de Magalhães.

(Continúa) *Silva Pereira.*

## REVISTA POLITICA

Conta-se que Frederico, o Grande, visitando uma pequena cidade da Prussia, foi recebido pelo povo com grandes demonstrações de affecto indo apresentar-lhe os seus respeitos todas as pessoas mais gradas da terra.

N'essa occasião Frederico lembrou-se qual seria a classe mais numerosa d'aquelle povo, e n'este sentido fez uma pergunta ao seu medico que o acompanhava.

O medico respondeu sem hesitar:

— É a dos medicos, meu senhor.

O rei achou extravagante a resposta.

— Como póde ser, se o numero de medicos nos meus Estados é tão limitado.

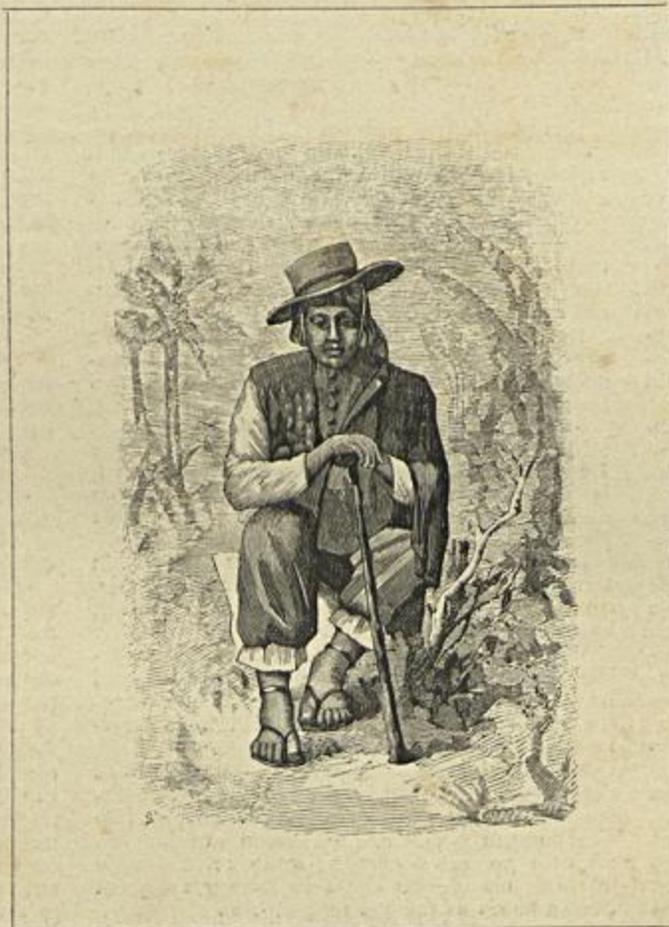
O medico insistiu e comprometteu-se a provar o que dizia d'entro de 24 horas.

— Sempre quero ver isso, concluiu Frederico rindo.

No dia seguinte era domingo e, n'uma egreja que ficava em frente do palacio real, celebravam-se praticas religiosas a que concorriam nobreza, clero e povo.

O medico de Frederico o Grande, logo de manhã se aprompto para sahir, mas primeiro atou cuidadosamente um lenço de seda em volta dos queixos, e assim preparado foi receber as ordens do rei.

Este logo que o viu de queixos atados perguntou muito interessado o que tinha o seu medico, ao que elle respondeu, que uma pertinaz dor de dentes o não deixára dormir toda a noite.

Frederico, muito penalisado, aconselhou o a que bochechasse com agua morna que tambem a elle lhe fizera bem, e o medico tomou nota da receita em uma comprida tira de papel.

BOLIVIA — INDIO AIMARÁ

Assim se foi para a porta da egreja, onde a maior parte das pessoas que entravam attentavam n'elle e lhe perguntavam o que tinha.

O medico repetia a mesma historia que tinha contado ao rei, e todos condoidos lhe aconselhavam varios remedios, de que elle ia tomando nota

Quando se retirou da porta da egreja tinha um bom numero de tiras de papel escriptas com receitas e os nomes dos receitantes.

Apresentou se então ao rei com as tiras de papel para provar o que tinha dito.

Frederico leu logo na cabeça do rol o seu nome, como o primeiro que vinha dar rasão ao seu medico.

Esta simples historia do tempo de Frederico o Grande, póde perfeitamente applicar-se ao nosso tempo e á pequena politica portugueza.

A classe mais numerosa do nosso paiz é incontestavelmente a dos politicos com pretenções a governar, a dos ministros de estado em perspectiva com aspirações a uma pasta como nunca ninguem governou.

É só ouvil os e toda a gente deve ficar convencida que dizemos a verdade embora se não convença que elles sejam realmente capazes de governarem e administrarem qualquer cousa.

Nada mais facil que criticar; nada mais difficil que governar, e muito especialmente n'este paiz, em que os governos cada vez governam menos e antes são governados.

Nós ainda esperamos ver, se Deus nos der vida e saude, os ministros publicarem decretos elaborados por toda a gente, menos por elles, que apenas collaboram com a sua assignatura.

Commissões já as ha para tudo e a proposito de tudo que pertence aos dominios da governação, e como estas já não são sufficientes, ha as representações e deputações de classe a procurarem os ministros a toda a hora, para pedirem providencias a proposito de tudo, para representarem contra tudo, para pedirem de tudo, e para que se não pense que só estamos fazendo espirito de nossa casa, agora mesmo acabamos de ler que uns commerciantes de chapeus de sol e de leques procuraram o sr. presidente do conselho para representarem contra não sei que, porque a noticia não o diz.

E afinal talvez tenham razão, porque com este calor que nos está abrazando é preciso tratar os chapeus de sol e os leques com todas as preferencias e defferencias.

O que seria de nós agora sem o bello guarda sol que nos resguarda dos raios de Phœbos e o abanico que nos refresca o ambiente.

Isto e o subsidio aos deputados são as duas coisas mais para ponderar que temos agora no nosso pequeno mundo.

O subsidio principiou por um simples boato, mas as discussões que se tem levantado em volta d'esse boato, dão lhe já as honras de um facto consumado.

De tantas questões graves que tem apparecido n'estes ultimos tempos, poucas tem excitado mais os artigos de fundo, as locaes e as correspondencias dos Constantes Leitores, como esta.

Até parece que a ameaça da invasão da cholera figura em segundo plano, porque até se acham demasiados os rigores que o governo impõe ás procedencias dos paizes infeccionados.

O que mais interessa agora é saber se os deputados terão ou não terão subsidio. Se o governo vae inventar uma coisa que já ha tantos annos está inventada em Inglaterra, na Hespanha e na Italia, o que não impede que qualquer d'estas nações se rejam por leis liberaes e que a Inglaterra seja o paiz mais liberal que serviu de modelo para a nossa Constituição.

Não acreditamos nada na suppressão do tal subsidio e ainda menos que essa suppressão subsista se se chegar a effectuar.

Dizem os defensores do subsidio que a economia é insignificante, no que não discordamos, mas parece nos que se trata mais de moralidade do que propriamente de forrar alguns contos de réis ao thesouro.

Ficamos por aqui, como dizem os correspondentes encanzinados da provincia, e vejamos se ha mais alguma cousa de novo nos dominios da politica ou da publica administração que possa interessar o leitor.

Ha o protesto da Associação Industrial Portugueza, contra o *arranjo* das garrafas. Um protesto um bocadinho declamatorio, mas que no fundo tem carradas de razão.

Effectivamente com os parentheses que se vão abrindo na pauta, não ha garantia nenhuma para as industrias que se queiram crear no paiz, nem para o desenvolvimento das existentes.

É o caso de dizer: *Não se sabe em que lei se vive.*

Seriam os industriaes mais felizes se achassem agora aquillo que muitos andam a procurar ha annos sem encontrar — as leis d'este paiz.

*João Verdades.*



Adolpho, Modesto & C.ª — Impressores
R. Nova do Loureiro, 25 a 39